



O Jornal das Senhoras – Tomo II – 11 de julho de 1852 - Edição 28

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1852_00028.pdf

TOMO II.—DOMINGO, 11 DE JULHO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

A'S NOSSAS ASSIGNANTES.

Temos recebido ultimamente das nossas assignantes algumas cartas ás quaes nos privamos de responder, como era de nosso dever, por não sabermos a quem nos dirigir em casos taes. Rogamos pois a todos quantos nos queirão fazer a honra de se corresponder com esta redacção de firmar as suas cartas com o seu nome e morada, todas as vezes que ellas tratarem somente de assumptos particulares e de conveniencia á esta empresa; com direcção ás casas designadas nas condicções que se achão estampadas na ultima pagina deste Jornal.

O digno atleta — *Ninguém* — será satisfeito em tempo, sobretudo se quizer nos ir remettendo, desde já, a continuação do seu bello e poderoso artigo.

A Redactora em Chefe.

MODAS.

Querida leitora, neste meio anno bissexto só duas unicas cousas tem tido o poder de levar minhas sensações ao goso de um prazer indivizível e de um completo contentamento. A primeira foi ver e ouvir Mme. Stoltz no palco brasileiro, depois de uma longa ausencia de cinco annos, e quando nenhuma esperanza tinha de ver em nossa terra essa eximia artista. Em

Paris, representando o *Robert Blus* em 1847, foi a ultima vez que a vi: parece-me, não sei se os que lá a ouvirão têm notado a mesma maravilhosa circumstancia, acho aqui sua voz muito melhor nada tem perdido, e sua belleza é maior. Se o meu ouvido me não engana é este facto uma verdadeira maravilha.

A segunda foi saber com os meus proprios olhos e ouvidos que a redacção deste Jornal tinha enfim satisfeito os vossos desejos. Estou contentissima. Como parte interessada que sou em firmar no meu paiz de uma vez para sempre a publicação de um jornal escripto por senhoras, dirigido pelo bom gosto e preparado franca e lealmente com todos os quesitos de moda fina e elegante, não pude ser indifferente aos elogios que recebeu o *Jornal das Senhoras* do domingo passado, o 1.º deste novo semestre, com os seus lindissimos e modernos figurinos.

É um verdadeiro prazer para quem trabalha de todo o seu coração em utilidade do seu semelhante, ver coroados os seus esforços. Não vos acontece o mesmo?

Quanto mais se eu vos contar que tambem recebi um lindo ramo de violetas e duas camélias, ambas tão alvas e tão perfeitas como naturalmente devem ser os anjos de Deus que se dignarão offertar-m'o! Traziaõ apenas este pequeno e expressivo letreiro que me repassou de gratidão:

Tres irmãos, que adorão a Christina.

Quantos barbudos se não derreterião com este delicado presente, e quantos não pensarião ainda ser pouco para o que—elles merecem!...

Sra. Christina este artigo é de modas e Vmc. nada diz e que cheirasse a isso.

Hoje vos offereço dois encantadores *toilettes* de passeio; as manhãs estão tão bellas e puras, as tardes são tão serenas e agradaveis, que seguramente vale a pena fazer um passeio, que ainda mais não seja senão até á rua do Ouvidor. Um passeio!... um passeio é muitas vezes o medico mais valente para curar-nos enfermidades, bem sérias! Digão os arrufados amantes; as arengas dos casados; as turras dos estudantes; a falta de dinheiro de uns, e o muito dinheiro de outros...

As nossas duas figuras sahirão a passeio, e estão no armazem Lemonnier vendo o que devem comprar d'entre um milhão de quinquilharias que ahi estão diariamente expostas á

venda, envolvidas com o luxo mais apurado a que póde chegar um armazem desta ordem em Paris.

Aos vossos olhos perspicazes que nada lhes escapa, á vossa pratica e familiaridade com todas as modas que têm corrido, não é possivel escapar a frescura e elegancia dos nossos figurinos, esse talhe esbelto, *coquetterie* bem acertada dos enfeites e passamanaria, a differença de todas as disposições de *toilette*, e emfim uma certa novidade em todos os côtes, nas côres das sedas e lãas, e sobretudo na cintura que se tornou mais curta; é por tanto tão notavel a differença, que comparados com quaesquer outros de um, dois, tres e quatro annos passados, verificado ficará aos vossos olhos o que vos exponho com toda a franqueza de que sou capaz.

As mantas entrão em moda novamente: é por certo um bem bonito adorno, e a par do chale que tambem está em voga, ahi temos nós o que era antigo e reformado passando a serviço activo.

Vede porém em que occasião, para que *toilette* applicarão os parisienses a restauração das mantas; attendei como vae bem em uma roupinha afogada, que já por si agazalha o delicado peito da elegante, essa manta lançada ao desdem, mais como um enfeite, um talisman de suas graças, do que pela utilidade do objecto. É ornamento este que só terá uma feliz recepção, sempre que a elegante quizer mostrar-se em corpo; porque a manta fechada ainda a moda não falla disso por ora.

Não passeis por alto est'outra novidade.—As roupinhas de velludo com *basquine* de renda preta: é o antigo variado; mas como é graciosa esta moda, que chiste, que dendê que ella encerra para um corpinho aspiral e buliçoso....

Descreverei a estampa.

DISCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

Ambas as figuras representam dous elegantes *toilettes* para passeio, nesta estação.

O primeiro compõe-se de uma saia de escocia matizada de salpicos com onze estreitos folhos recortados e orlados pelo recorte com fio de lã azul violeta, em ponto de casear.—Roupinha afogada, de velludo da mesma côr do matiz da saia (como é *coquette* este trajo) acompanhada de um *basquine* de larga renda preta de bicos.—Mangas talhadas á mourisca, sobresahindo de cada talho um fofo de caça branca, e presos todos sobre delicados punhos de finissima renda. Manta de cachemira de diversas côres, meia comprida, e descuidosamente passada sobre as costas.—Chapéu de seda branca franzido, ao que os

francezes chamão *une capotte*, enfeitado interiormente com duas flores côr de canna de cada lado das faces, e grandes pontas fluctuantes bordadas. Penteado de bandos ondeados.

O segundo é de uma belleza e gravidade do mais apurado gosto.

Vestido afogado e mantellete da mesma fazenda, nobreza côr de azeitona, com um largo folho guarnecendo a saia, recortado a ferro, e uma fita de setim encrespada cobrindo em volta todo o pregado do mesmo folho.—A gola com o babadinho que se deixa ver um pouco por fóra da mantelete dá-lhe uma graça encantadora.—Chapéu de *blonde* branco com duas plumas ao lado esquerdo, enfeitado no descahir da volta das abas com flores e longa folhagem verde, quasi a tocar os hombros. Pontas mui curtas, com duplice laço, prendem este precioso chapéu. Penteado de grandes tufas de caracões em ordem de canudos.

— 11 —

Não vos explico que as luvas são curtas, desta ou daquella côr, e que aos passeios devem sempre ser preferidas as botinas elasticas, porque disso estais sobejamente certa. O que ambiciono de todo o meu coração é que esta estampa e todas as mais que se seguirem, continuem a merecer os vossos agrados, unica retribuição que deseja a vossa amiga
Infante, 9 de Julho.

Christina.

NOVELLA MORAL

A Verdade e a Mentira

Traduzido do italianno pela Ex. Sra. D. J... B...

Eu li em um livro de historia, que o Tempo tinha duas filhas, uma chamada—Verdade e outra—Mentira.

Era a mais velha a mais bella e perfeita menina que se tem visto, de modos tão affaveis e simples que não cuidava em adornar-se, considerando inutil e superfluo qualquer elogio que não se derivasse de sua natural belleza; nem seguramente necessitava ella de enfeites ou atavios, pois que sua formosura tocava logo os animos quando seus divinos olhos para alguem se volvião. No vivo colorido de seu rosto lhe transluzia o seu interior, e insinuava-se nos corações de tal maneira que cada um desejava, ardentemente lançar-lhe os braços ao collo e fazel-a sua legitima companheira.

A filha mais moça, ainda que ao vel-a se lhe podesse achar alguma semelhança com a outra, como acontece quasi sempre entre irmãos, tinha as feições tão alteradas que não obstante essa pouca semelhança parecia muito feia.

É certo que em compensação requintava no expediente de adornar-se com franjas, louçanhas e mil outras ninharias, fazendo-se com sua industriosa apparencia mais bonita do que era por natureza.

Por isso acontecia muitas vezes que sendo ella vista pelos homens e tomada pela irmã de cujo nome se servia, era cortejada com sinceridade; e como casquilha que era, de boa vontade fallava e gracejava, de sorte que onde não apparecia a Verdade a Mentira passava por bella e virtuosa. Porém quando a Verdade mostrava-se primeiro, a Mentira perdia todas as honras e louvores pelo que sentia-se fortemente despeitada, e, se por ventura a irmã não fosse de natureza immortal, ella de certo a envenenaria ou a suffocaria com suas proprias mãos.

Achando-se a Mentira muitas vezes pensativa e triste, por não poder exceder á Verdade, tão querida de todos! principiou a cuidar nos meios de ao menos enganar-a como boa mestra que era da arte; e vendo que a índole de sua irmã era tão simples e ingenua, que facilmente dava credito ao que se lhe dizia, e que como não conhecia enganos não acreditava que outros a enganassem, resolveu induzir-a a não sahir mais de casa, a deixar de apparecer á janella, e sobretudo a afastar-a quanto pudesse de sua companhia para não ter aquelle perigo o parallelo entre si.

Entrando pois em conversação com sua irmã tratou de fallar-lhe com mil rodeios, dando-lhe a entender uma cousa por outra, muitas vezes contradizendo o que havia dito e interpretando tudo ás avessas, até que tanto se agitou que a Verdade por sua causa deixou quasi de apparecer, em quanto que a Mentira percorria o mundo a seu bel prazer rehavendo o seu triumpho.

Não obstante, se por acaso acontecia ellas encontrarem-se, logo se conhecia a falsa belleza da Mentira á vista da solida formozura da irmã, para quem todos voltavão os olhos maravilhados.

Descuberto então o imbuste, uns fugião da Mentira, outros fazião-lhe caretas, de maneira que, quando ella pensava estar no auge de sua gloria saboreando comsigo mesma sua malcabida vaidade, vendo-se cahir d'essa imaginaria altura recebia tal choque que a fazia chorar de raiva, pelo horriavel despeito e pelas angustias que lhe roião as entranhas.

Em má hora vim ao mundo! dizia ella comsigo—porque não me é permittido competir com a minha importuna irmã?

Não vejo n'ella esses encantos que todos lhe achão, posto que se destinga um pouco pela regularidade das feições (que bella nunca direi que é) não tem doçura no fallar nem no olhar, não sabe enfeitar-se nem menear-se com graça, faz tudo com modos tão asperos e sem arte, que se ella causasse a todos o tédio que a mim causa, ninguém a poderia supportar; e todavia sempre me toca devorar a vergonha vendo-me tantas vezes excedida por ella quando estou em sua companhia.

Que devo eu fazer?

Deixar-me assim vencer vergonhosamente?!

Esconder-me para sempre?

Ou antes tentar sua ultima queda?

— 12 —

Desta maneira a pessima Mentira, passando de um máo pensamento a outro peor, resolveu por fim um horrivel assassinato: mas vendo que não podia matar a sua irmã lembrou-se de enterrar-a viva! E achando alguns de seus mais fieis amigos, quasi todos malfeitores, falsificadores, barateiros, charlatães, mariolas, que, sem conhecerem a Verdade, a odeião com promessa de grandes galardões, levou-os ao cume de uma alta montanha em cuja encosta fizeram por ordem sua uma profunda e larga cova, a qual continha tantos cubiculos, tocas, buracos, encruzilhadas, labyrinthos e sinuosidades, que a não ser o seu mesmo autor, nem com o fio de Arianna poder-se-hia dali sahir!

Depois mandou collocar na abertura da cova certo mecanismo, que resaltando com facilidade a fechasse immediatamente de modo que não se podesse abrir sem grande difficuldade.

Assim que a malvada irmã viu concluida sua obra, infernal e astuciosa, principiou a prodigalisar algumas bajulações aos seus obreiros com o que se forão mui contentes.

Firme em seu barbaro projecto voltou a Mentira para sua habitação com a mais perfida intenção contra a innocente irmã; ali, para realizar seus negros designios, tratou ella primeiramente de enfeitar-se com o mais extremado requinto, e occultando com todo o cuidado a inveja que a ralava foi ao encontro da Verdade mostrando-se mui prazenteira.

—Querida irmã, disse-lhe com dissimulada alegria apertando-a em seus braços e dando um ar de pureza ao seu discurso—estou por tua causa tão contente de me haver finalmente certificado do quanto és querida, que não posso deixar de manifestar-te o meu regozijo.

—Sabe pois, que se alguma vez te aconselhei que te occultasses, fiz mal, reconheço; pois que poderias ser muito util com tuas virtudes que a todos encantão.

—Muitas pessoas não podendo ver-te procuram-te com grande angustia e impaciencia por toda a parte, dando-se por muito felizes aquelles que te virão uma vez; e os que te não conhecem e que não sabem onde encontrar-te dizem—que são os teus melhores amigos—que estão em grande relação comtigo, e assim se honrão em affirmar que te conhecem jurando por teu bello nome—que trazem sempre nos labios.

—Além disso, debes saber que eu, que sempre me acho na conversação dos homens, o que em ti penso, tenho notado que, desde que te não deixas mais ver, todos teem-se tornado máos, porque respeitando tua seriedade e procurando agradar-te, e imitar teu proceder franco se modelavão em ti como adiante de um luzente espelho; e já parecião bons.

De forma que, minha irmã, para tua gloria, utilidade dos homens e consolação de tua irmã, peço-te que appareças agora.

—Vem, boa irmãzinha, abençoada sejas tu já que tão favorecida és do Céu.

Assim dizendo a pessima amiga, ou antes vibora venenosa, a abraçava e beijava derramando copiosas lagrimas, com tão simulada ternura, que parecião sahir do intimo do seu coração!

Julgando a Verdade verdadeiros os sentimentos que suas palavras exprimião, e levada mais pelo desejo de ser util aos homens do que pelo estimulo de amor proprio, agradecendo cordialmente os bons desejos de sua irmã seguiu seus passos entregando-se a ella sem mais reflexão.

A Mentira, astuta e perfida como era, fingindo receiar que o sol lhe fizesse damno ou que o ar lhe causasse alguma indisposição, quando na realidade só queria que a irmã por ninguem fosse vista, occultava-a com um guarda-sol, e a fazia caminhar, ora por aqui, ora por ali, por caminhos tortuosos a que ella já estava afeita. Tantos rodeios procurou que a final a levou junto á insidiosa caverna onde pretendia sumil-a, para que não pudesse mais ver a luz do dia; e voltando-se para ella, que mal não suspeitava, disse-lhe que ali dentro havia uma reunião de doutores que davão tratos á imaginação em busca da verdadeira origem das fontes, dos rios, das producções dos metaes e outras cousas semelhantes, e que se compadecesse delles e lh'as fosse declarar, para não perderem o tempo em infructuosas indagações.

Persuadida disto a benevola irmã, e anciosa por coadjuval-os na descoberta, transpoz o abysmo; mas apenas havia dado cem passos no funesto labyrintho sentiu-se enleuada pelos pés por uma especie de juncos que lhe embaraçavão os passos. Errando indecisa, sem saber para

onde tomar, experimentando sensações inteiramente desconhecidas, quasi arrependeu-se de ter ali entrado á vista dos medonhos e tortuosos caminhos.

— 13 —

Então temendo não poder mais sahir, encolerizada voltou-se para reprehender a irmã, e não a vendo mais, tarde apercebeu-se de que havia sido enganada.

A pessima Mentira, vendo que a irmã estava colhida no laço, tratou logo de evadir-se, deixando cahir o alçapão sobre a boca da caverna, e dando-se os emboras por uma tão gloriosa empresa voltára para sua habitação.

Ainda que se achasse embriagada de contentamento quiz todavia, conforme sua costumada perfidia, praticar mais um embuste para acabar de encher a taça de sua malignidade—fingiu-se afflictissima, arrancando os cabellos, batendo com toda a força no peito, derramando falsas lagrimas, com a voz entrecortada por soluços que parecião partir-lhe o coração, apresentou-se ao Tempo, seu pai, a quem fez persuadir que, tendo ellas sahido para tomar fresco, se havia levantado um denso nevoeiro que as cobrira, sobrevindo logo depois um repentino tufão que as arrastára, impedindo-a assim de ver sua irmã perdida naquella espessura.

Mal acabara estas palavras deixou-se cahir como desfalecida e quasi morta!

A esta triste noticia o desgraçado velho quasi enlouquece. Empregou todos os meios possiveis para ver se tinha alguma noticia de sua desaparecida filha, e passados alguns dias sem proveito algum, lembrou-se de fazer um pregão a fim de que alguém, com a esperança de uma recompensa, se dispuzesse a procural-a, e annunciou desta maneira:

« Chi potesse trovar dov'è celata
« Una fanciulla di nobile aspetto
« Di carnagion virile e delicata
« D'un guardar maestoso, puro e schietto
« Che favellando ha tal forza, e si grata
« Che lega tosto ogni anima nel petto
« Chi potesse trovar la, me la dia;
« Io sonno il Tempo, e d'essa è figlia mia
« Se maschie fia colui que la ritrova
« Io gli prometto in terra eterno onore
« Sempre la fama sua sarà più nuova

« Avrá sempre da me grazia e favore
« E se fia donna (quel che piu le giova)
« Sempre avrá intero de bellezza il fiore
« Ingiuria mai non le farò, né danno
« Ma sarà vie più bella d'anno in anno.

Continua.

UMA FLOR CAHIDA.

I.

És tu, minha flor, tão murcha e solitaria, gemendo nesse canto do mundo?
És tu, anjo, que deixaste o sorriso, e gemes com uma dôr, qual a dôr humana?
És tu, mimosa virgem, que não sonhas mais, que não brincas na natureza risonha da tua terra?

És tu, filha querida, delicado botão de nobre tronco, que não ouves de tua triste mãe as queixas pungentes?

És tu, ternissimo pensamento, que mudaste teu doce scismar em doloroso gemido?

És tu?! dize: és tu mesma, flor, anjo, virgem, filha, pensamento, és tu que choras, porque no jardim em que vives só te cercão as saudades roxas? ah! não tens mais fragancia, não tens mais o emblema da tua alma casta, que deveria viver em fagueira tranquillidade?

Murchaste?!... és como a flor, inclinas-te morrendo, e não embalsamas mais o seio de tua mãe. Gemes em teu leito?!... és como uma magoa, que se escoia em lagrimas, para escaldarem os que ouvem teus gemidos.

Eu não posso chorar, não; as lagrimas são muito vulgares para te lamentarem: os homens chorão por tudo; ah! por ti não choro! Não, eu guardo gotta a gotta o pranto dentro em minha alma, e quero antes na solidão, no retiro, onde os homens me não ouvem, soltar um magoadissimo suspiro—é um longo verso contendo um pensamento mysterioso, que tu não deves comprehender; porque se o comprehenderas, elle morreria sem merecimento. Deixa-me, deixa só comigo o que eu sinto; fôra immensa a frase para t'o explicar; e ao fim, tu casta flôr, me perguntarias pelo que eu dissesse.

Tu não deves comprehender o que dizem homens! evita-os e não queiras decifrar a sua linguagem.

Olha, vem cá, tu és innocente; não o és? pois bem, então não te escaldes na lava de minha alma, deixa-a lavar dentro em mim; deixa buscar no frescor da noite consolação; deixa que eu fuja com ella para longe; e ao depois eu voltarei da peregrinação de muito longe e te

trarei uma grinalda de florinhas silvestres. Geme, sim, geme, porque tens dores. Eu amo os teus gemidos porque se me juntão no coração, e ahí se resolvem junto aos meus.

Eu amo os teus gemidos, como se ama um espinho, que faz dôr—a dôr, ah! tu o ignoras, é balsamo para a alma desvairada de um poeta.

Mas, se eu pudesse colher-te essas dores uma a uma, se eu pudesse roubar ao Céu a sua serenidade, e entornal-a em teu corpo, se eu pudesse roubar á natureza o seu profundo somno e seus sonhos, eu tudo faria para que continuasses na languida candura da tua innocencia.

— 14 —

Soffreres!... e não poder diante do altar dos teus padecimentos ajoelhar-me e t'os roubar!...

Soffres!... e não poder ensopar o alvo linho do teu leito com minhas lagrimas, para ao depois te envolver com elle os membros doridos!...

Soffreres!... e ser obrigado a te ouvir mudo e vivo, sem poder morrer!...

Soffreres!... e o mundo rir-se!... ah! soffreres assim, é muito soffrer!

Deus te não deu força para os padecimentos, mas te reservou para virgem do seu altar, que é de branda oração.... reservou-te para adormeceres no colo da mulher tua mãe e lhe adoçares a vida com teu mimoso olhar—teu sorriso—tuas graças—tuas virtudes!

Eis para que foste criada.

Ah, virgem, se pudesse, se me fosse dado com tremulas mãos segurar as tuas e collocar-as sobre o meu coração, para que sentisses como elle agitado se move!... mas não.... para que? o mundo te condemnaria..... e a mim.

II.

Deus te fez, mulher, para mãe—para o sacrificio de tua propria vida e para soffreres por teus filhos.

Não sentes em tua alma uma dôr egoista! não sentes que quizeras gemer e soffrer por tua filha?

Ah! quanto é nobre o sacrificio! e mais nobre ainda, porque o sabes consummar, sem uma queixa, mas com dedicação!

Vê, ahí está curvada e chorando.... vê, ella doeu-se, e esta dôr te feriu o coração.... ella está doente, e tu oras por ella ao pai que te criou!

O teu coração é propheta; ella sorria-se, e na tua alma levantou-se uma duvida; ella queria partir e tu a retinhas suspensa a teus labios; ella movia-se, como se move gentil uma florinha sobre a haste, e tu tremeste; e teu coração cerrou-se.... e tu.... tu, mulher propheta.... correste, e no auge do delirio a recebeste morta em teus braços....

Tremenda scena foi essa!

Quem te viria, nessa turba de frios, correres apressada, gritando, clamando, desesperando-te, e lançando-te sobre ella, e que não dissesse: é mãe?!

Quem te viria, morta sobre a morta filha, dando-lhe do teu halito metade, do calor do teu corpo uma parte, que não dissesse: é uma mãe?!

Quem, quem seria tão desnaturado, que não te abrisse o caminho franco até ella, que não corresse contigo, que não prestasse seus braços, para te sustentarem e defenderem, e a ella?

Naquelle momento, confessa, deixaste de ser tudo em que tua alma está repartida, para seres sómente mãe!

Foi momento em que não cabia em teu coração um só desejo que não fosse della, uma só pulsação que não fosse para ella, um só terror, uma só oração que lhe não pertencesse.

Tu e ella formavão um só corpo, que eras tu mesma.

Porque ella é teu corpo e tua alma.

III.

Sob o pesado vapor de um recinto enfermo, á pallida e triste luzinha de uma singella candeia, respira um corpinho alvo como uma nuvem do Céu, dormindo na terra—como um pensamento vestido de magica roupagem de fada—como um pallido beijo amortecido, dado em melancholico abraço.

Entre macios braços adormecera, e seus labios sorvem de uns labios que por sobre elles se applicão, a respiração preciosa para a existencia.

Dorme a candida donzella entre os braços de sua mãe, como uma flôr que murchára entre dôres.

Esta scena se não divulga—o mundo a ignora, porque não sabe elle velar, para se extasiar. Mas deixamos o mundo dormir, porque faria elle ruido.

Dorme, anjo, dorme, no somno esqueces as dôres—dorme, sonhando só com a mãe que te abraça—dorme, e não delires!

Dorme, flôr mimosa; Deus não fez para ti o penar; tua alma innocentinha não saberia soffrer.

Tu não murchaste?!... não, tu inclinaste a corolla, e a mulher, tua guarda, te regou com suas lagrimas, para reviveres.

Tu não murchaste?! não, tu passaste por um horrivel olvido de existencia, para em despertando conheceres mais o valor dessa mulher, que Deus te deu por mãe.

Tu não murchaste?! não, porque o meu coração não parou; eu senti na minha agonia quando tremula cheguei meu corpo ao teu, que tu revivias.

LEMONNIER & C^o



Tu não murchaste?! oh! não, tu serás a sempre-viva da tua terra.

Tu dormes, sim, tu dormes; em despertando não soffrerás mais: pensa logo em tua mãe.

Orando, pede por ella a Deus.

Velando, quando olhares para a turba, procura entre ella o mais pequeno dos homens, mas delles o maior teu respeitador, e exclama: aquelle, eu bem conheço, e não confundo com os outros!

Silencio!... leve rumor se ouve.... um pequeno gemido.... e....

— Minha mãe! — disse uma fraca voz.

— Minha filha! — suspirou uma voz esperançada.

Era a mãe e a filha, que daquella recebia em um beijo a vida!

L. C. d'A. Junior.

BELLEZA, CANDURA.

La creatura bella bianco vestida!

DANTE.

Oh! como te vi donosa,

Graciosa,

No baile, meu Seraphim!

Oh! como teu semblante

N'um instante

Bebi a morte sem fim!

Com graça tal te mostravas,

Que enlevavas

Os olhos de quem te via:

Eras astro que brilhante,

Corruscante,

No salão apparecia!

Branco era o teu vestido,

Tão comprido,
Que os curtos pés te occultava;
Negro cinto, o corpo airoso,
Melindroso,
Melindroso te apertava.

Com as niveas tenras mãozinhas
Tu entretinhas
Um cravo a despedaçar;
Era dôr ver o coitado,
Desfolhado,
O duro solo ennastrar.

Em dançar eras mais bella
Que uma estrella,
Que nos ares se deslisa,
Bem como um batel veleiro
Que ligeiro,
Que ligeiro as águas frisa.

Doce sorriso mimoso
Perigoso
A face gentil te ornava;
A tua voz era um hymno
Que divino,
Que divino resoava.

Bella virgem, quem podéra,
Quem me dera
O teu doce amor gozar;
Mas não pode o desditoso,
Doce gozo,
Neste mundo desfructar.

O MISERAVEL.

Sobre um bastão se apoia—andrajos cobrem
Seus membros descarnados;
E a fronte macilenta—e a barba hirsuta,
E os olhos macerados!
Como são nesta vida—tormentosa—
Seus dias desgraçados?!

Sem esperança de uma taboa ao menos,
Que lhe depare a sorte,
Onde propicia seja-lhe a fortuna—
Que um rico lhe não presta;
Nem mais lhe importão deste mundo os gozos,
Os prazeres da vida!
Apenas solta—e o pão esmola—
Porque a vida almeja.

Que dias estes, que deseja o ente
Assim desventurado?
Ah! Deus, piedade—compaixão os homens
De situação tão triste—
Tenhão deste infeliz—pois é-lhe a vida
Mais cruel do que a morte!

A. C. dos Reis Raiol.

CHRONICA DA QUINZENA.

Estreando a chronica do mez corrente é meu dever participar-vos que a Illma. Sra. D. Violante de Bivar Vellasco, nossa redactora em chefe, tambem se dignou de convidar-nos á que continuassemos a desempenhar a tarefa, que nos cabe desde que a Illm.a Sra. D. Joanna, nossa querida amiga, dirigio este Jornal. Grata ás expressões de que a nosso respeito se serviu

a Illm.a Sra. D. Violante, procuraremos quanto em nós couber desempenhar a missão que nos pertence.

Tão farta de divertimentos forão os ultimos dias do mez passado, quão escassos têm sido os do mez actual—e por isso pouco teremos que dizer-vos.

O magico e sempre delicioso baile do Cassino o incendio do edificio da guarda velha, as procissões das Freguezias, a inauguração e abertura do novo e grandioso hospital da misericordia, sua procissão tocante e solemne, tudo isto já está velho, explicado, contado e recontado.

— 16 —

A Favorita! a Favorita ainda é o objecto das conversações dos salões e ainda é materia nova. E como não hade ser assim, se apenas tem sido representada—oito vezes! Oito vezes de *Favorita!* para o nosso Rio de Janeiro que todo elle ambiciona vel-a e ouvil-a, agora que a gente de beijo grosso já tomou o seu fartão!.. Não, não hade ser por certo o digno presidente do theatro provisorio, tão cheio de interesse pela prosperidade delle, que deixe assim com agua na boca a maior parte do povo—muitos que ainda lá não forão, e alguns que ainda não se fartação de tão divina *Favorita*. Expressões dos dilettanti, em que eu lhes acho razão.

Não senhor, senhor presidente, conselho de amiga, mais oito recitas só, preços mais baixinhos, e o theatro terá uma boa receita e o povo agradecido lhe confirmará o titulo, não mui tarde!

Consta que algumas senhoras se reunirão e concordarão de incumbir a diversas meninas das primeiras familias da corte de bordarem, cada uma, uma fita com o seu nome para as offerecerem, enlaçando um lindo e valioso presente, á Me. Stoltz em a noite do seu beneficio. Bem seguramente, honra seja feita á lembrança dessas senhoras: será mui bem empregado; tanto mais, quando me consta, que Me. Stoltz tenciona nobre e generosamente dispor da renda do seu beneficio em favor das orfãs que se quizerem dedicar ao estudo do canto e da arte dramatica.

—Os nossos theatros por tanto tem estado em pasmaceira—e todas as vistas de presente se dirigem para o de S. Pedro, que em breve será franqueado ao publico.

—O acanhado theatro de S. Francisco tem dado algumas recitas, mas estas têm sido tão pouco frequentadas, que agouramos mal da empreza que vivendo de si mesmo deste modo pouco poderá lucrar, se é que não perde. Lastimamos profundamente que assim aconteça ao

Sr. Florindo, nosso patricio, e bom pae de familia—e invocamos em seu favor o governo—e a protecção do publico.

Na parte de bailes—nenhum se tem dado este mez de mais notavel, e por isso passaremos adiante.

—Houve renhida cabala lá na sociedade dos militares, mas os que *estão no poder* triumpharão completamente.

—Em breve teremos o faceto Campestre, e aneiamos por esta noite de prazeres.

—A regata nos promette uma corrida (de botes já se sabe) e como tenho queda para este divertimento lá me acharei rente.

—Quarta feira passada gozei uma destas noites especiaes que tive pena realmente que tão cedo se findasse: foi na hospitaleira morada do Sr. Fabregas, pessoa mui conhecida pelas suas bellas qualidades, franqueza e lealdade do seu character. Erão os annos da sua adorada esposa que elle festejava, offerecendo ao crescido numero de familias da sua mais intima amizade e ao extenso circulo dos seus amigos e affeioados, uma noite de prazer e de encantos, entre os quaes passarão os seus 182 convidados dançando, jogando, e galanteando até ás duas horas da madrugada. Não vos direi qual foi a moça mais bonita das sessenta e duas que nós eramos, porque isso fica reservado para dizerem os homens segundo lhes vão as impressões do momento.

O desvelo com que a sua meiga esposa distribuia ternamente as maternas caricias aos seus dois lindos filhinhos e cuidava affavel e risonha de todas as suas amigas, tanto amor de mãe, tanta amabilidade de senhora, forão os meus primeiros enlevos d'essa esplendida noite. Oh! que desfrute este feliz casal a continuação da prosperidade e venturas que o Céu lhe outorga em premio real dos seus merecimentos.

—Não me occorre mais cousa alguma que me pareça digna de mencionar-se, e por isso tão limitada me torno.

Concluirei esta pedindo a todas vós, que amaes o progresso de vossa patria, que coadjuveis a Illm.a Sra. D. Violante na tarefa que tomou sobre seus hombros; porque fazendo-o, proguidiremos na carreira que hemos incetado tão felizmente. Muito de perto conheço a nossa redactora, e affirmo-vos que ella reúne tambem todas as qualidades precisas para que a ampareis e coadjuveis no seu empenho.

Adeus minhas amigas, cordialmente vos saúdo.

9 de Julho de 1852.

Bellona.

JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; com lindos figurinos dos de melhor tom em Paris, e no ultimo Domingo de cada mez uma peça de musica.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN E COMP. n. 70, A. E F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por seis mezes 6\$000 rs. na Côrte, 7\$000 rs. para as Provincias.

Os semestres contão-se em Janeiro, e Julho, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro—Typographia de Santos Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.